

# **O BRINQUEDO E OS PAPÉIS SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: Uma análise da produção científica**

Inez Alves de Santana<sup>1</sup>

Milene Bartolomei Silva<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A atribuição de papéis sociais preestabelecidos ou determinados socialmente configura-se como um dos pontos de partida para reflexão acerca de como os gêneros são produzidos. Esta construção social deriva de vários aparatos presentes nas ações das crianças, sendo o brinquedo um dos artefatos que permite observar como as relações meninas/meninas são construídas. Desta forma um dos objetivos deste estudo foi investigar e analisar as produções acadêmicas sobre os papéis sociais e o uso do brinquedo dentro do ambiente escolar. Contudo, há uma carência em publicações a respeito deste tema na faixa etária acima dos sete anos, por isso nos concentramos em buscar análises na Ed. Infantil. A partir das pesquisas realizadas via plataforma virtual (internet) obtivemos publicações acerca do assunto em diversos âmbitos, selecionamos três produções que teorizam sobre a “representação dos papéis sociais no ambiente escolar” e “brinquedos de meninas/brinquedos de meninos”. Entre os diversos fatores que possibilitam pensar sobre como as práticas generificadas são construídas não há como não citar o papel dos professores neste contexto, sendo necessário um artigo que complemente este estudo. Em relação aos papéis sociais desempenhados socialmente cabe uma reflexão pontuada nas questões pertinentes ao gênero e seus desdobramentos dentro de uma visão histórica e cultural. Ao usar o brinquedo como aparato nestas produções pressupõe uma investigação a partir de uma referência presente no ambiente das crianças com características pertinentes e atribuídas ao papel social desempenhado e naturalizado na sociedade.

**Palavras-chave:** Brinquedo e Brincadeira; Papéis Sociais; Gênero; Educação.

## **INTRODUÇÃO**

As relações de convivência presentes no ambiente escolar promovem uma integração entre meninos e meninas em diversos espaços que ambos participam. Dentro deste espaço as crianças apresentam concepções particulares a respeito de assuntos como gênero por meio de ações ou conceitos pré-estabelecidos pela sociedade, sendo necessário investigar em suas

---

<sup>1</sup> Pós Graduanda em .....

<sup>2</sup> Professora Doutora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Desenvolvimento Humano e Inclusão (GEPEDHI).

relações de convivência quais são as práticas preconceituosas ou não demonstradas nas atitudes das mesmas e quais são os valores trazidos ou reforçados pela cultura presente nestas ações. Ações essas, que determinam as concepções e as tradições presentes nos discursos e influenciam a maneira como as crianças são capazes de relacionar-se com as outras.

O ambiente escolar proporciona uma definição e atribuição de papéis sociais permitindo observar dentro da teia dos relacionamentos e trocas quais são as concepções e parâmetros que as crianças apresentam tendo como referência as relações de poder presentes no cotidiano escolar. Existe uma carência de produção de conhecimento acerca do assunto que se traduz em dificuldade apesar de avanços na temática.

Neste sentido, gênero é entendido como uma construção social e cultural. Ao teorizar sobre a cultura, Laraia (2001) define que “homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado” (p.24). Cultura esta que apresenta uma lógica própria transcendendo os espaços temporais, apresentando-se como um fator preponderante na compreensão e evolução da humanidade.

Mesmo as culturas mais primitivas tem tendência a aperfeiçoar-se, talvez nem todas com a mesma velocidade e que modificações são processos contínuos. O autor reforça que estas mudanças podem ser resultado da própria dinâmica cultural e também de um sistema cultural do outro (LARAIA, 2001, p.42).

O primeiro pode ser lento e desencadeado por alguma catástrofe (obrigando a uma mudança drástica). No segundo caso as mudanças podem ser definidas por causas externas como a aculturação atingindo lentamente com trocas de padrões culturais.

Nota-se que a evolução acompanha a cultura e esta encarrega-se de promover as mudanças de atitudes como: vestimenta, valores, comportamentos sociais determinando as relações e vivências que as pessoas acreditam ser necessárias a determinadas épocas, sendo a dinâmica social fundamental para a compreensão das culturas, possuindo maneiras próprias de organizar-se caracterizando as diferenças necessárias para a manutenção da humanidade e continuidade das espécies. Os padrões culturais impostos ancoram-se nas relações de poder delimitando os comportamentos separando os gêneros por meio de práticas e atitudes repetitivas. A relevância social desta investigação parte do pressuposto que é necessário perceber quais são as relações de poder existentes nas práticas sociais que as crianças apresentam dentro do ambiente escolar em determinadas situações.

A reflexão sobre como o gênero é diferenciado no seu contexto atual, necessita que uma compreensão em como esta abordagem foi construída historicamente tendo como referência o ponto de vista feminino.

Sendo que a complexidade das relações entre meninos e meninas muitas vezes evidencia a forma de poder dos homens sobre as mulheres no qual o masculino é reforçado pelas práticas sociais legitimadas pela sociedade e embasado em um sistema de dominação denominado patriarcado que busca permanecer e manter sua hegemonia através de séculos. Piscitelli descreve em seus estudos como “sistema de dominação masculina” e ‘universal,’ porém as próprias feministas enfrentam um debate com posições diferentes sobre a origem deste (PISCITELLI, p.264, 2002).

Estes estudos feministas salientam que dentro do próprio feminismo as ideias opostas são baseadas em abordagens diferentes que possuem a necessidade de esclarecer como o gênero mulher apropriou-se ou não historicamente da sua posição social e política dentro da sociedade. Dentre essas novas conceitualizações as feministas definem duas abordagens:

A universalidade presente nestes estudos atribui a distinção pensando no trabalho de acordo com o conceito de patriarcado como sistema de dominação masculina de acordo com os estudos desenvolvidos por historiadoras como Heinen e Grant. Dentre os diversos espaços de convivência, a escola é o ambiente que desemboca as expectativas relacionadas a participação dos sexos em atividades em que espera-se o cumprimento da norma pré-estabelecida e determinada.

Ancorado nos estudos de Maia (2011) que reforça:

[...] perceber as sutis relações de poder, estabelecidas numa sociedade altamente hierarquizada como a nossa, que em alguns casos impõe modelos a serem seguidos por todos, não constitui um trabalho simples. A naturalização de alguns hábitos, concepções e valores que mantemos pode indicar a existência de procedimentos de repressão sexual muito arraigados presentes na civilização[...] (MAIA,2011, p.26).

Nossa investigação advém da necessidade de entender como as crianças ao relacionar-se conseguem compreender sobre o que é pertinente ou não a determinado gênero, sendo necessário estabelecer alguns critérios de intervenção para que não fique explícito apenas os modelos masculinos e femininos reproduzidos constantemente. Dentro do jogo simbólico existem ações e brincadeiras só para meninas ou só para meninos? E quem não se encaixa neste padrão? Surge então a necessidade de significar ou ressignificar esses espaços de brincadeiras promovendo por meio da interação e observação dos espaços escolares como o

intervalo, onde as crianças através de brincadeiras demonstram ou reforçam as atitudes esperadas de acordo com os papéis sociais atribuídas a elas.

Dentre as práticas construídas e legitimadas dentro do ambiente escolar, as análises das relações de poder presentes nas ações infantis determinam ou não o significado do que é ser menina/menino constituindo-se o objetivo central desta pesquisa, tendo como desdobramento a investigação destes comportamentos como reforço as práticas comuns aos gêneros e também a compreensão de como estes papéis sociais são definidos.

Dentro do ambiente escolar, os alunos/as alunas demonstram ou não práticas sociais que representam as relações de poder existentes entre o feminino e o masculino atendendo as expectativas relacionadas a participação dos sexos em atividades pré-estabelecidas ou determinadas a partir das construções do gênero.

A complexidade das relações entre meninas e meninos no espaço de convivência produzem indicadores sobre como as práticas masculinas/femininas são hierarquizadas socialmente como reflexo de relações de poder instituídas e aceitas legitimando e/ou fortalecendo a desigualdade de gênero.

A compreensão de como estas relações estabelecem-se historicamente a partir da construção social em torno de ser homem ou mulher e quais as implicações diárias tem um impacto nas relações conflituosas presentes dentro da escola proporcionam uma ampliação da possibilidade de perceber como as relações de poder são construídas.

Novamente Maia em seus estudos já evidencia algumas pistas sobre esta prática dentro da escola afirmando que Maia (2011),

[...] os resultados de uma educação que coaduna com valores sexistas podem ser diversos, indo desde o sofrimento pessoal motivado pela não aceitação social das diferenças individuais até o fracasso escolar. Vários autores têm chamado atenção sobre a relação de gênero com o fracasso e sucesso escolar, especialmente no caso de meninos, gerando evasão e repetência no Ensino Básico no sistema educacional.

A construção do gênero está relacionada diretamente a participação das mulheres do movimento feminista em lutas históricas por igualdade, dentro de uma perspectiva relacionada à aquisição de espaços para que as mulheres tornassem-se parte de uma construção diária cultural e histórica havendo uma adaptação e mudanças principalmente nas relações de poder, Joan Scott reforça que a partir de 1980 os estudos sobre a participação das mulheres na sociedade ampliam-se tomando forma. Esta contribuição feminina é

extremamente importante para discussão e conquistas em diferentes espaços que permeiam a questão do gênero. Não negando o fator biológico, o debate em relação a questão do gênero deve ser feito no campo social pois é neste espaço socialmente construído que estão presentes e definidos os papéis sociais determinados e regidos pela sociedade, sendo adequados ou não ao indivíduo.

Segundo Louro (1997, p.23)

Característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo a construção de papéis masculinos e femininos. Papéis seriam basicamente padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos.

Neste sentido o conceito de gênero não passa a ser unicamente feminino, mas sim definido de modo plural afastando as propostas essencialistas sobre este assunto. Seria uma visão comum e simplista se os indivíduos não fossem subjetivos, considerando a diferenciação e a participação humana em diversos grupos como: raça, etnia, classe que são constituintes desta subjetividade, processo este que abrange a influência familiar, cultural e a crença religiosa e outros grupos sociais que fazem parte da vida do indivíduo.

Portanto, estes padrões comportamentais tão definidos pela sociedade refletem nos espaços escolares as relações que as crianças apresentam durante as suas brincadeiras, e diante das situações conflituosas presentes no cotidiano escolar.

Neste sentido busca-se investigar e analisar a produção acadêmica sobre as relações de gênero tendo como ponto de partida o brinquedo que como um elemento cultural dentro do lúdico onde as crianças exercitam e exploram o jogo simbólico, como os papéis sociais funcionam nestes momentos e principalmente se há regras definidas para que isto ocorra.

Louro (2003, p.23) amplia o debate sobre a questão do gênero reforçando que:

o conceito de gênero usado atualmente refere-se a mulher em busca da legitimidade acadêmica pelos estudos desenvolvidos nos anos 80, referindo-se ao mundo feminino dissociado do masculino. Entretanto o termo designa as relações sociais que ambos devem cumprir.

Sendo assim, o sexo fica definido como categoria biologicamente estabelecida e o gênero como cultural, existindo um distanciamento entre ambos (SCOTT, 1995, p.72).

A autora observa que os estudos sobre as mulheres não necessariamente excluem informações sobre o homem, pois as construções culturais determinam os papéis sociais de cada um. Outra abordagem presente refere-se a questão do gênero como irrelevante para as

peças que estão preocupadas com o poder e política, sendo relegada na função fundamentada apenas na biologia, perpetuação das ideias separadas (sexualidade, política, família e nação (SCOTT,1995, p.75).

Ao analisar as várias contribuições de estudiosos acerca do assunto Scott salienta que as historiadoras feministas propõem uma variedade de abordagens da análise do gênero. Sendo três citadas pela autora.

A teoria do patriarcado tem se dirigido a subordinação das mulheres e explicação da necessidade dos homens como seres dominantes, fundamentadas na reprodução e na desigualdade entre os sexos. São baseadas na diferença (SCOTT,1995, p.78).

As feministas marxistas sustentam sua argumentação baseadas nos meados de produção, explicação das origens e transformações dos gêneros.

Teoria psicanalítica enfatiza os processos pelos quais a identidade do sujeito é criada e são centradas na primeira etapa do desenvolvimento para encontrar pistas sobre a identidade de gênero, ressaltando que existe uma dualidade presente nesta teoria, subdividindo em duas hipóteses validando seu trabalho, as teóricas das relações ao objeto enfatizam a influência da experiência concreta e as pós-estruturalistas enfatizam o papel central da linguagem na comunicação e interpretação da representação do gênero (SCOTT, 1995, p.80).

Os estudos sobre gênero requer uma compreensão como a sociedade historicamente avançou ampliando suas discussões ancoradas nas pesquisas propostas pelas feministas, nas relações de poder presentes nos diversos papéis que são desempenhados socialmente atrelados a fatores culturais, biológicos, ambientais, religiosos que consolidam ou definem a maneira como as relações são estabelecidas no campo social e como a sociedade organiza-se convencionando de acordo com os interesses vigentes definindo os comportamentos.

## O ESPAÇO ESCOLAR DENTRO DO CONTEXTO DE IGUALDADE

Entre tantos desafios presentes na educação deve-se priorizar um conhecimento voltado para a ética, cidadania, direitos humanos e pluralidade cultural por meio de discussões de temáticas como o ser, o outro e o respeito ao próximo, o enfrentamento a discriminações étnico-raciais e sociais, à intolerância religiosa, às discussões de gênero e diversidade sexual.

A instituição escolar apresenta um modelo que perpetua as desigualdades quando os atores envolvidos não têm a sua voz e vez respeitados, permeando os conflitos nas relações.

Ao abordar questões éticas e morais a escola dispõe-se a construir um espaço que fomenta a reflexão reforçando que as alunas e os alunos tem a oportunidade de vivência e convivência com as diferenças respeitando as condições de cada um.

Segundo Marques e Silva (2016)

a escola é vista como o ‘‘ espaço sociocultural’, ela é profundamente marcada pelo tempo, espaço, e cultura em que se insere, refletindo muitos padrões de comportamento, conflitos e contradições que permeiam a sociedade, mas sendo ao mesmo tempo, espaço potencial para sua reinvenção.

Neste âmbito, a escola configura-se como espaço público de diferenças, onde os preconceitos podem ser reforçados ou confrontados, estabelecendo diálogos ao compreender que a prática identitária pode sair fortalecida perante este enfrentamento.

## BRINQUEDOS DE MENINOS /BRINQUEDOS DE MENINAS

Buscando desvelar dentro do ambiente escolar estas relações de poder que permeiam o pensamento dos envolvidos dentro deste espaço e quais são os papéis atribuídos ao gênero como padrão comportamental frente a determinadas atitudes e expectativas esperados, estendemos nossos estudos apoiados na pesquisa bibliográfica. Dentro de um sistema complexo que envolve as relações, a observação detalhada permite compreender como as diversas formas de expressão da linguagem, atitudes e maneiras que reproduzem as formas de dominação e opressão presentes nas diversas maneiras de relacionar-se nos diversos ambientes escolares e são expressas por crenças, atitudes, valores e relações permeadas pelas diferenças, papéis e relacionamento sendo um produto de um trabalho permanente de ocultação, dissimulação e negação das diferenças.

A análise do primeiro trabalho intitulado “Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Ed. Infantil”, Finco (2003) enfatiza a brincadeira como forma cultural de manifestação infantil, pois produz a partir da ótica da criança jogos simbólicos que propiciam a representação da vida adulta como modelo. A pesquisa ainda amplia o debate sobre a carência de produção e também faz referência adultocentrismo presentes nas pesquisas, citando a importância da professora como mediadora durante as brincadeiras ressaltando a necessidade de uma pessoa que interfira sem julgamentos.

As relações de poder presentes nas relações sociais dentro do espaço escolar muitas vezes são o pano de fundo para o discurso hegemônico que traduz o pensamento pelo viés da masculinidade como forma de ampliação e manutenção do patriarcado. Em contrapartida as

mulheres em determinado momento não se apropriaram ou se perderam dentro desta linguagem (como forma de apropriação do gênero no discurso da igualdade). O discurso da pluralidade cultural como ferramenta para a reflexão sobre como estes padrões comportamentais perpetuam dentro dos espaços servem de apoio para que a mulher assuma o seu gênero e as infinitas possibilidades de recriação da própria mulher como protagonista da sua história.

A realidade presente no conceito de gênero subalterniza a mulher diante das dificuldades que são impostas na escola, o discurso configura-se uma instituição que legitima a ação ancorada nas relações que reforçam o componente social determinante para que as mulheres mantenham-se no rigor permitido ao que espera ser um comportamento feminino.

Adriana Piscitelli ao falar sobre a categoria mulher propõe uma reflexão ao abordar sobre o tema e reforça que o patriarcado é uma ação política que transita na vida social e diversas esferas, por culturas e instituições perpetuando a relação de poder, por outro lado algumas feministas compreenderam que o patriarcado deveria ser usado em casos específicos, negando a participação das mulheres na antropologia, ciência, política, mas a medida que este sistema foi confrontado surgem outras indagações como ponto de reflexão caracterizando a postura feminista de subordinação legitimando a ação da mulher (PISCITELLI, 2002, p.06).

Então, a autora acima mencionada, retoma a categoria mulher como principal articuladora e agente de suas reivindicações como uma categoria política que apresenta determinadas necessidades.

Contudo, após décadas do feminismo e estudos das feministas buscando maneiras produtoras teorizando sobre a construção social da mulher na modernidade, a categoria mulher ainda mantém resquícios de uma forte dominação do patriarcado em suas relações polarizando as opiniões em questões recentes como: descriminalização do aborto, igualdade no mercado de trabalho, assédio (estabelecendo um novo código de conduta entre os sexos) e diversos outros temas que permeiam a busca de legitimidade e ausência de diferenças em todo o espaço pelo qual as mulheres transitam.

O segundo artigo “Infância, gênero, brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas”, Sarat (2016) relata que as crianças utilizam diversas formas de expressar-se e as brincadeiras tornam-se uma referência na construção e reconstrução da cultura de forma concreta com a manipulação de objetos lúdicos. Nesta reprodução do mundo real o cotidiano apresenta-se nas demonstrações de ações comuns e vão desvelando-se quando as meninas utilizam os

utensílios femininos correspondentes aos papéis sociais que espera-se que elas realizem, reproduzindo uma feminilidade como natural. Em outras brincadeiras coletivas segundo a autora os envolvidos nas pesquisas comportavam-se de maneiras variadas, modificando o comportamento inicial atribuído ao seu papel.

A naturalização de alguns comportamentos favoráveis a determinados sexos são considerados práticas recorrentes e reforçam para a indagação dos espaços que proporcionam essas ações repetidas e em determinados momento caracterizam-se como verdades.

Nos apoiamos nos estudos de Auad (2006) ao questionar sobre as relações de gênero construídas no ambiente escolar.

A autora afirma que:

vale ressaltar que as relações de gênero, do modo como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdades. As visões naturalistas sobre mulheres, meninas, homens e meninos representam travas para a superação dessa situação [...] (AUAD, p.19).

Sendo assim, cabe ressaltar que por meio da construção dos saberes e do diálogo com as crianças faz-se necessário perceber dentro da escola quais são as impressões e opiniões que as crianças têm sobre a discussão do gênero.

Para Filho (2016, p.112)

sabemos que as identidades são construídas ao longo da vida dos sujeitos e que os aprendizados adquiridos na família, somam-se aos da escola, possibilitando novas maneiras de enxergar o mundo, sua pluralidade e diferenças nela existentes.

Louro (1997, p.65) reitera suas considerações afirmando que:

neste contexto de significação social a escola revela desde a sua concepção uma hierarquização da diferença, classificação ou marcação pautada no princípio da comparação, polarizando o masculino ou feminino, baseadas em práticas e padrões criados socialmente que são reforçados e atendem a determinados grupos, ou seja a escola mantém a sua essência reproduzindo práticas e ações pertencentes aos grupos com maiores poderes em detrimento aos grupos minoritários. Nesta instância a linguagem é uma ação presente cotidianamente dentro do espaço escolar sendo um processo natural que institui e demarca os gêneros pelas adjetivações dos sujeitos.

Dentro deste espaço onde as crianças são reforçadas com determinados comportamentos femininos ou masculinos e executam ações que lhe são atribuídas, uma educação que considere as relações de gênero como ponto de partida para que as distinções não limitando-se as características corporais mas que mantém uma característica importante para o convívio social. Neste sentido, Auad (2006) reforça o conceito de gênero como “as

relações de gênero correspondem a um conjunto de representações construídas em cada sociedade“ não torne-se um reprodutor da desigualdade.

O último artigo “O brinquedo e a produção do gênero na Ed. Infantil”, Cruz (2007) aborda as construções sociais sob a ótica das relações de poder presentes no cotidiano escolar. Os elementos discursivos dos quais as crianças apropriam-se para reforçar a masculinidade ou feminilidade é identificado nas produções linguísticas como carrão (homem) casinha (mulher). Dentro da concepção do universo feminino há uma materialização dos brinquedos que precisam ser adequados com cores e formatos para atender determinados grupos masculino/feminino. Conforme Cruz (2007) “os brinquedos evidenciam as práticas culturais presentes na sociedade”, perante o momento histórico vigente.

## **METODOLOGIA**

Os papéis sociais atribuídos ao gênero dentro da escola permitem observar dentro da teia dos relacionamentos e trocas quais são as concepções e parâmetros que as crianças apresentam tendo como referência as relações de poder presentes no cotidiano escolar. A carência de produção de conhecimento acerca do assunto traduz-se na dificuldade de abordar o tema com crianças dentro da escola.

Neste sentido, propomos investigar e analisar a produção acadêmica sobre as relações de gênero tendo como ponto de partida o brinquedo, pois trata-se de um aparato lúdico, em que as crianças exercitam e exploram o jogo simbólico. A pesquisa bibliográfica serve de aporte conforme Severino (2011) “realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores”, ou seja “os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”.

Foram localizados trabalhos de cunho científico através pesquisa no Google (internet) utilizando como base o seguinte tema: “artigos científicos que tratam de gênero e brinquedos no ambiente escolar”. Dentre os inúmeros trabalhos apresentados foram analisados cinco que constam na página inicial da pesquisa da plataforma onde priorizamos o público-alvo (crianças); brinquedo; ambiente (escola).

**Tabela 1:** Artigos científicos, levantados sobre gênero, papéis sociais e brinquedos e brincadeiras.

| Universidade                               | Autor(a)                           | Título   | Ano  |
|--|------------------------------------|--|------|
| Pontifícia Universidade Católica do Paraná | JAKEMIU, Vanessa de Campos de Lara | A construção dos papéis do gênero no ambiente escolar e suas implicações na constituição das identidades masculinas e femininas: uma dinâmica da relação de poder. | 2011 |
| Universidade Federal da Grande Dourados    | SARAT, Magda                       | Infância, gênero, brinquedos e brincadeiras de meninas e meninos.  | 2016 |
| Universidade Sudoeste da Bahia             | CRUZ, Liliam Moreira               | O brinquedo e a produção do gênero na Ed. Infantil: uma análise pós -estruturalista  | 2007 |
| Unicamp                                    | FINCO, Daniela                     | Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas da Ed. Infantil   | 2003 |
| Universidade Estadual de Londrina          | PEREZ, Ana Paula Lopes             | As relações de gênero dentro do ambiente escolar   | 2007 |

O levantamento foi realizado no primeiro semestre de 2019 e as pesquisas foram submetidas a análise de conteúdo, observando os temas principais, referenciais teóricos, procedimentos metodológicos e proposições apresentadas.

Desta forma analisamos quais temas foram identificados em cada estudo marcando um X e deixando em branco quando o tema não foi identificado, porém alguns estudos apenas citam o tema e não desenvolvem uma análise direta, neste caso marcamos ✓.

**Tabela 2:** Temas apresentados nos artigos científicos sobre gênero, papéis sociais, brinquedos e brincadeiras.

| Assuntos/temas   | FINCO | JAKEMIU | CRUZ | PEREZ | SARAT |
|--|-------|---------|------|-------|-------|
| Representação dos papéis sociais                                       | X     | X       | X    | X     | X     |
| Intervenções pedagógicas   | ✓     |         |      |       | X     |
| Formação dos professores   |       | X       | ✓    | ✓     | X     |
| Brinquedos e brincadeiras como suporte para análise dos papéis sociais | X     | ✓       | X    | ✓     | X     |

**Legenda:** [X] Identificado no estudo; [ ] Não observado no estudo; [ ✓] Citado no estudo, sem ser objeto de análise direta.

Diante dos resultados demonstrados no quadro 2, notamos a representação dos papéis sociais em todas as pesquisas tendo como premissa uma reflexão acerca destas representações pré-estabelecidas e como promovem uma distinção entre os grupos femininos ou masculinos constituindo-se historicamente gênero como objeto de pesquisa e indagações para práticas legitimadas e permitidas dentro do ambiente escolar.

Outros dois trabalhos apresentam a Formação dos Professores como aporte para pesquisas sendo que Sarat (2016) relata em sua pesquisa a participação da professora e dos profissionais que atuam no ambiente escolar para compreender e promover um olhar profundo sobre as questões pertinentes aos papéis sociais que são apresentados sem conotações negativas ou positivas, proposições que também corroboram com as impressões de Jakemiu(2011) que reforça no papel da escola e do professor questionando a responsabilidade sobre os discursos afirmando que :

destaca-se o papel da escola, mais precisamente do professor uma vez que nesta figura a responsabilidade fundamental do discurso e sua capacidade de produzir, reproduzir sustentar, as formas de dominação ou de enfatizar os desafios e as possibilidades de resistência do discursos marginalizado em relação as questões de gênero (JAKEMIU, 2011).

Dos artigos selecionados três englobam estudos sobre os papéis sociais dentro da construção do gênero e também cruzam com as investigações sobre o uso do brinquedo como uma ferramenta para promover uma análise por meio da observação dos comportamentos infantis. Sendo que estas pesquisas possuem uma abordagem empírica. Sendo os seguintes: “A introdução dos papéis sociais de gênero na infância”; “O brinquedo e a produção do gênero na Ed. Infantil” e “O sexo dos brinquedos e as relações de gênero na Ed. Infantil”.

A análise dos trabalhos permite verificar que os papéis sociais são questionados e confrontados, sendo que as autoras buscam compreender a realidade ao trazer a luz os diálogos e impressões que as crianças demonstram durante o jogo simbólico com as brincadeiras e brinquedos. Cruz (2007) retoma o brinquedo como artefato cultural dentro das relações sociais que configuram como formadores de gêneros. Finco (2003) apropria-se deste jogo simbólico para observar a representação da vida adulta por meio da brincadeira e Sarat (2016) retoma a cultura presente na construção dos papéis sociais pré-definidos ou naturalizando os comportamentos, definindo o que é ser masculino ou feminino e o significado de ser homem ou mulher permeado pelas relações de poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição escolar possui dentre seus diversos papéis a possibilidade de gerar diálogo, construir o conhecimento, romper barreiras da desinformação, proporcionar quebras de paradigmas. Ao tratar sobre gênero desconstrói-se a visão única presente na sociedade e busca-se uma forma de discutir as relações de gênero como ponto de partida para a construção da igualdade. Dentro desta realidade as pesquisas indicam que os papéis sociais são construídos a partir de uma tendência heteronormativa, patriarcal e legitimada culturalmente padronizando as identidades. Pessoas múltiplas, binarismos, minorias silenciadas e a busca pelo direito de cada um exercer seu papel social dentro da humanidade.

As crianças dentro da coletividade quebram a hegemonia do que está traduzido e imposto como norma, permitindo explorar, buscar, trocar, representando o modo de pensar e agir. Porém, após a infância esta liberdade de expressão dilui-se e forma uma nova pessoa.

Em algum momento do tempo e da história, ou continuamente, através do silenciamento mantém-se a opressão e práticas discriminatórias, que visam moldar os indivíduos de acordo com os interesses vigentes e excluem os que não participam desta construção, desvalorizando os indivíduos plurais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela; **Educar meninas e meninos – Relações de gênero na escola** – Editora Contexto -2006.

CRUZ, Liliam Moreira - **O brinquedo e a produção do gênero na Ed.Infantil: uma análise pós –estruturalista-** 2007.

FILHO,MIGUEL;PORTELA,EUGÊNIA(orgs)**Educação, diversidade e inclusão: os desafios para a docência.**Campo Grande - Editora Life - 1ª edição, 2016.

FINCO, Daniela - **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas da Ed. Infantil** – Unicamp – 2003.

JAKEMIU, Vanessa de Campos de Lara - **A construção dos papéis do gênero no ambiente escolar e suas implicações na constituição das identidades masculinas e femininas: uma dinâmica da relação de poder.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

LARAIA,Roque; **Cultura um conceito antropológico.**– Editor Jorge Zahar – 2001- Rio de Janeiro.

LOURO,Guacira Lopes. **Gênero,sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista-Rio de Janeiro - Ed.Vozes – 6º edição, 1997.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi, Carolina Navarro, Ari Fernando Maia. **Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental** Psic. da Ed., São Paulo, 32, 1º sem. de 2011, pp. 25-46.

PEREZ, Ana Paula Lopes – **As relações de gênero dentro do ambiente escolar** – Universidade Estadual de Londrina – 2007.

PISCITELLI, Adriana – **Recriando a (categoria) mulher?**In:Algranti(Org.)A prática feminista e o conceito de gênero. Textos didáticos, Campinas, nº 48, p. 7-42,2002.

SARAT, Magda – **Infância, gênero e brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas,** UFGD, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim – **Metodologia do Trabalho Científico-** Editora Cortez – 2011.

SCOTT,JOAN. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica.** Revista Educação & Realidade, v.20, nº 2. Julho/dezembro de 1995, p.71-99, Porto Alegre, UFRGS/FACED.